

O QUE É UMA IMAGEM?¹

Leonor Areal

¹ Este artigo adopta a ortografia tradicional por opção da autora e por necessidade de distinguir entre imagem “óptica” e “ótica”.

² in *A República*, apud JOLY, Martine (1999) *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70: 13.

³ MONTEIRO, Paulo Filipe (2002) «Imagens da Imagem», in *As ciências da comunicação na viragem do século: Actas do I Congresso da SOPCOM*. Lisboa: Vega: 485.

1.

O que é uma imagem? É uma pergunta talvez estranha. Todos sabemos o que é uma imagem e facilmente reconhecemos a importância das imagens no mundo de hoje. É precisamente por causa da sua omnipresença que me pareceu interessante colocar esta pergunta e voltar à sua definição elementar.

«Uma das mais antigas definições de imagem, dada por Platão, esclarece-nos: “Chamo imagens em primeiro lugar às sombras, em seguida aos reflexos que vemos nas águas ou à superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações deste género”»².

Que género será esse, pergunto. É o que tentarei aqui apurar.

Para Platão, «nada tinha tanto valor como aquilo que não podia ter imagem»; a imagem era vista como «ocultação». Porém, «o nosso século habituou-nos a esperar de algumas imagens a revelação de verdades.»³ (como no caso da fotografia, mais ou menos jornalística, do cinema realista, do documentário, etc.).

O que será então a imagem: uma ocultação, uma ilusão, uma falsidade; ou, pelo contrário, uma verdade revelada através do seu mediador, o criador de imagens ou simples dispositivo óptico?

Dada esta polaridade dos conceitos de imagem que gera uma ambiguidade fundamental nos discursos acerca delas, começarei por definir *imagem* como algo que está em oposição a *coisa*.

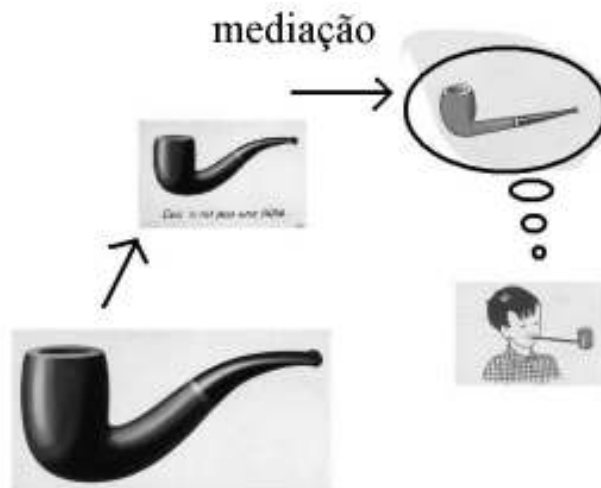
imagem ≠ coisa



(imagem num. 1)

Uma imagem é sempre uma representação de qualquer outra coisa. Ou seja, não podemos abrir a janela, olhar a paisagem e dizer «que bela imagem». Porque o que temos à nossa frente é a própria coisa. Uma imagem será, sempre, um processo de mediação: uma representação (a imagem) de um referente (a coisa).⁴

⁴ Para Bergson, porém, «uma imagem é *mais* do que uma 'representação' e *menos* do que uma 'coisa'». Ou seja, a *imagem* tem um carácter construído, enquanto o conceito de *representação* corresponderá ao de imagem ótica, processo que implica "tornar presente algo ausente" (PENAFRIA, Manuela, *O plano-sequência é a utopia. O paradigma do filme-Zapruder*, 2003 in <http://www.bocc.uff.br/pag/penafria-manuela-plano-sequencia-zapruder.pdf>). Contudo, prefiro adoptar aqui o sentido de representação como actualmente é mais usado, abrangendo as representações mentais e/ou sociais.



(imagem num. 2)

2.

Começarei por definir a *imagem óptica*: aquela que é independente de um sujeito, pois é o resultado de uma transformação técnica (óptica, fotográfica, videográfica, digital, etc.), tal como a imagem

ocular e retiniana é, à partida, um processo fisiológico.

imagem óptica



o olho e a máquina fotográfica

(imagem num. 3)

Mas nenhuma destas imagens adquire sentido sem que alguém lho confira: aquele que usa o microscópio, aquele que fotografa, aquele que apenas vê. Também, uma imagem involuntária num espelho, embora seja imagem óptica, só chega a ser lida como tal quando há um sujeito que a vê.

espelho



(imagem num. 4)

E aquele que apenas olha, não vê o que lá está, mas vê daquilo que é refletido aquela parte apenas que, projectada na sua retina, para ele faz sentido ou tem importância.

3.

Falemos então de outro tipo de imagens: as imagens mentais. Diferentes tipos de imagens mentais são possíveis:

- uma imagem num espelho não é uma representação, mas, se nos olhamos nele, imediatamente nos vemos (representamos) como julgamos que somos ou como queremos ser;

auto-imagem



(imagem num. 5)

- um texto literário são imagens traduzidas em palavras pelo escritor; estas imagens são semelhantes às outras, as visuais, como se um ecrã interior habitasse o nosso pensamento;

imagem literária

Depois que os últimos pingos da chuva começaram a tardar na queda dos telhados, e pelo centro pedrado da rua o azul do céu começou a espelhar-se lentamente, o som dos veículos tomou outro canto, mais alto e alegre, e ouviu-se o abrir de janelas contra o desesquecimento do sol. Então pela rua estreita, do fundo da esquina próxima, rompeu o convite alto do primeiro cauteleiro, e os pregos pregados nos caixotes da loja fronteira reverberaram pelo espaço claro.

Bernardo Soares, Livro do Desassossego
<http://arquivopessoa.net/textos/1820>

(imagem num. 6)

- no acto da escrita, as imagens pertencem ao domínio da recordação ou da imaginação, que são semelhantes; pois quando recordamos, não recordamos a mesma coisa, imaginamo-la de novo⁵; assim também a memória é feita de imagens;

⁵ Como disse Lúcia Jorge, “os escritores também criam imagens, não criam outra coisa senão imagens”, no Colóquio “Uma dia a falar de imagens”, em 17 de Outubro de 2006, organizado por José Carlos Abrantes com apoio do CECL - Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL).

recordação ~ imaginação

(imagem num. 7)

- um sonho é também uma imagem, visual e composta de sensações, sons e emoções;

sonho



(imagem num. 8)

- uma *imagem sonora* é aquela que seleccionamos e percebemos da massa de sons, por vezes confusa, que provém do contínuo sonoro do quotidiano; é essa capacidade imagética que nos permite ouvir uma conversa no meio da multidão, ou abstrair do rugido dos aviões, ou reconhecer melodias; o conceito de imagem sonora refere-se pois à representação mental do som;

imagem sonora



(imagem num. 9)

- a *imagem ótica* será – tal como a imagem óptica – aquela que é gerada ou reproduzida através de um dispositivo auditivo, e que é independente de um sujeito interpretante; uma imagem ótica é, por exemplo, aquela que os programas de som representam como uma onda gráfica;

imagem ótica



(imagem num. 10)

- às imagens mentais chamamos representações (mentais ou sociais), ou seja, formas de conceber, de olhar, de ver, de interpretar o mundo.

imagens mentais



(imagem num. 11)

A imagem mental será assim o produto de várias modalidades de imagem, uma síntese em evolução de memórias, conceitos, imaginações e imagens exteriores captadas e interpretadas. Porém, a dimensão subjectiva e pluriforme destas imagens mentais escapa à possibilidade de análise.

Portanto, se queremos falar de imagens, temos que nos contentar com as imagens exteriormente representadas, entre as quais: as imagens pictóricas, gráficas, fotográficas, cinematográficas, e, também, as sonoras.

4.

Sendo uma imagem parte de um processo de comunicação, podemos dizer seguramente que **uma imagem é uma representação**, ou seja, é uma forma de comunicar a outrem, através de uma mediação, aquilo que nós vemos; ou de receber de outros aquilo que eles vêem, ou seja, pensam, concebem, imaginam.

comunicação

A → imagem → B

(imagem num. 12)

Em inverso será equivalente: podemos dizer que todas as **representações são imagens**. Esta definição de representação decorre do pressuposto (anterior) de que o que concebemos (representamos) é uma interpretação daquilo que vemos ou experienciamos, ou seja, uma projecção nossa acerca do real, na forma de modo de consciência – uma *imagem mental*.

imagem = representação

(imagem num. 13)

5.

Então, o conceito de imagem ou representação opõe-se ao de *apresentação* ou *presentificação* (*presentation*) ou presença da coisa. Uma imagem não se pode tocar (apenas a superfície do seu suporte), ao contrário da coisa.

Representação ≠ presentificação

(imagem) ≠ (coisa)

(visão) (real)

(imagem num. 14)

Daqui decorrem mais algumas considerações e exemplos:

- Toda a nossa visão do real é uma imagem, intangível, por vezes inconsciente – uma representação; essa representação nunca – por definição – pode coincidir, em natureza, com a coisa real.

peessoas



(imagem num. 15)

- Por exemplo, a imagem que eu tenho de outrem, por muito justa que seja, é sempre a minha visão (sempre inevitavelmente distorcida) dessa pessoa. Nunca, por definição, o que eu penso e conheço dessa pessoa coincide com aquilo que ela é; nunca essa imagem corresponde fielmente ao real, senão como óculo deformado; a imagem que tenho é, por vezes, mais forte do que a realidade do outro, ainda que ele esteja muito próximo de mim; eu nunca posso tocar essa imagem, mas posso tocar a pessoa.

filme



(imagem num. 16)

- E se a nossa atenção incidir não sobre o real, mas sobre uma outra representação desse real, como seja, por exemplo, um filme, também – por definição e

natureza – não haverá coincidência perfeita entre a nossa visão e a imagem que nos é dada. Nem sequer coincidirá com o olhar de quem a criou.

autor



(imagem num. 17)

- A imagem cinematográfica, ou seja, várias imagens encadeadas em sucessão, é vista e entendida de maneiras diferentes por espectadores diferentes. A intenção do seu autor é certamente ainda outra, e não é seguro que nós, espectadores, a saibamos reconhecer.

6.

Se nos desviarmos para o campo das imagens plásticas, encontraremos:

- Uma obra plástica – por exemplo, uma pintura figurativa – é uma imagem de qualquer outra coisa, porventura tornada secundária em relação à visão mais marcada e definida que o seu autor cria e reproduz, dando-lhe autonomia como obra de arte – objecto único, matérico e limitado, irreproduzível.

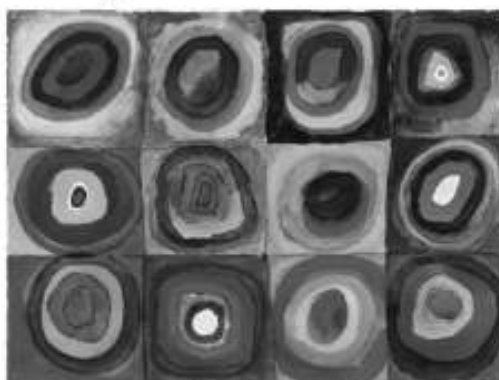
pintura



(imagem num. 18)

- Mas uma pintura abstracta, que não é figurativa, que não representa um objecto do quotidiano reconhecível, apresenta-se como uma coisa autónoma que não remete para nenhuma outra, a não ser para formas essenciais.⁶

pintura abstracta



(imagem num. 19)

- A pintura abstracta será capaz de gerar uma imagem, uma imagem mental nossa, na medida em que está confinada a um quadro que a delimita, e que a podemos descrever ou conceber como um jogo de formas, cores e materiais; ou até que a podemos reproduzir, ou mesmo encontrar para ela ecos de outras imagens da nossa memória; mas isso é o que podemos ver nela, não o que ela é, nem o que o pintor viu nela.



(imagem num. 20)

⁶ Formas abstractas essenciais que subjazem a muitos objectos, mas não os representam directamente, referencialmente. Porém, note-se que «as obras que não representam o que quer que seja, longe de serem meros objectos decorativos, contribuem de forma (...) poderosa para organizar as nossas experiências posteriores», lembra GOODMAN, Nelson (1978). *Modos de fazer mundos*. Porto: ASA., mostrando «como até a chamada arte abstracta contribui para organizar a nossa compreensão do mundo – a que Goodman, ao contrário de Francastel, opta por chamar “função simbólica” (MONTEIRO, Paulo Filipe. *Os Outros da Arte*. Oeiras: Celta, 1996: 28). Francastel desenvolve a «ideia de um pensamento próprio da obra a partir do estudo das artes plásticas» (*ibidem*: 46): «Por um singular paradoxo, a nossa época, que se afasta dia a dia do pensamento racional e da escrita, (...) está enamorada pela ideia do signo. Por um lado, admite que a linguagem matemática, por exemplo, constitui um sistemas de convenções e referências (...), mas rejeita formalmente a ideia de que o signo artístico seja de natureza diferente do verbal, falado ou escrito» (FRANCASTEL, P. (1963) «Valeurs socio-psychologiques de l'espace-temps figuratifs» in *L'Image, la vision et l'imagination*:

*l'objet filmique et l'objet
plastique* (1983). Paris:
Denoel/Gautier, *apud*
MONTEIRO, 1996: 46).

- Assim, a obra abstracta é concreta e é uma *não-imagem*, porque não é uma representação de algo de outro; o que ela é (a pintura) é um objecto que podemos tocar, não é uma imagem (só se torna imagem, quando reproduzida, como aqui).

escultura



(imagem num. 19)

- Tal como uma escultura (que é uma pintura em que a terceira dimensão, a profundidade, se tornou saliente): podemos tocá-la, podemos olhá-la de diferentes pontos de vista; são já objectos, não são apenas imagens.
- É certo que uma escultura ou pintura figurativa já é uma imagem de algo outro, mas – mais do que apenas a imagem ou representação de que parte – é uma obra autónoma que ultrapassa ontologicamente aquela, para se tornar coisa e não apenas imagem: aquilo que podemos chamar uma *imagem-coisa*.
- Assim, a definição estrita de imagem será: *imagem pura* é aquela imagem que não se ultrapassa ontologicamente; aquela que é apenas um reflexo, uma reprodução, uma representação de algo ausente – algo ausente que toma existência e forma apenas por meio da imagem.

imagem pura

VS

imagem-coisa

(imagem num. 22)

- Nada disto invalida portanto que uma imagem (de outra coisa) se possa tornar ela mesma uma coisa (sem deixar de ser imagem originalmente). Uma imagem fotográfica, por exemplo, pode passar a ser obra de arte – é claro.

fotografia



(imagem num. 23)

- Uma imagem cinematográfica poderá também sofrer essa mutação qualitativa? Sim, mas parcial ou ocasionalmente, porque, na maior parte dos casos, dificilmente corta as amarras ao real que lhe serviu de modelo – ao real que se projecta na sua retina óptica.



(imagem num. 24)

⁶ Tomo metaforicamente o termo da química que designa como *sublimação* a passagem directa do estado sólido para o gasoso, ou a passagem inversa de gasoso para sólido, também dita re-sublimação ou sublimação inversa.

- Todavia, no campo da imagem em movimento, há filões muito menos realistas, mais autónomos, tendendo mesmo para a abstracção, como a animação.

animação



(imagem num. 25)

Podemos dizer que há vários graus de abstractização e autonomização das imagens, aquilo a que podemos chamar *sublimação*⁷ da imagem: não a passagem do estado sólido para o gasoso e etéreo, mas o contrário, a passagem do estado imaginário para o estado sólido, objectual.

sublimação



(imagem num. 26)

É sobre esse aspecto paradoxal das imagens que a arte contemporânea de hoje reflete – tanto na apropriação da imagem como coisa, como no jogo desmesurado da sua utilização fora de contexto, por exemplo.

paradoxo



(imagem num. 27)

7.

Podemos então definir diferentes tipos de imagem, ou melhor, níveis de imagem (pois coincidem sobre um mesmo objecto):

a. a **imagem directa** – a reprodução – com um referente real – captada através de um dispositivo (o caso mais comum);

b. a **imagem criada** – a fantasia, o sonho – representável de várias formas, literária, pictural, fotográfica, etc..

c. a **imagem interpretada**, que não designa a imagem em si, mas a maneira como ela é vista por outrem, observada e semantizada – essa é a imagem mental, subjectiva e individual.

níveis de imagem



(Imagem num. 28)

Parece-me aqui fulcral diferenciar o conceito imagem em função de quem a vê. Pois há o risco, muito comum, de tomarmos como imagem aquilo que podemos ver, aquilo que os nossos olhos podem ver – seja uma paisagem, ou uma pintura em duas dimensões (que não são imagens, pois não são representações); é claro que eu posso olhar uma coisa e ver uma imagem que não é exactamente a coisa que lá está, ou a imagem que lá está, que por sua vez é um resultado que alguém fabricou e viu de forma também descoincidente.

imagem subjectiva



(imagem num. 29)

É neste ponto – neste vértice de subjectividade – que encontramos uma sobreposição de conceitos: entre o **olhar** e a **visão**, que facilmente se confundem.

olhar ~ visão

(Imagem num. 30)

Que há diferenças entre olhar e ver, todos reconhecemos. Uma diferença que se exprime de diversas maneiras não conclusivas:

- para uns, olhar será ver com atenção;
- para outros, ver será observar o que um olhar não alcança; será compreender mais do que o simples olhar;
- mas, no campo da criação, o olhar é mais importante que o simples ver...

O senso comum sabe diferenciar duas formas de ver, com maior ou menor atenção, com melhor ou pior percepção, com mais ou menos entendimento. Pois olhar e ver significam também compreender. E ver pode ir até à visão dos visionários, muito para lá da imagem que foi aqui ponto de partida.

8.

Uma coisa não convém esquecer: que uma imagem é sempre uma mediação, e que, como qualquer mediação, por discreta que seja, objectiva, fiel ou inócua, pressupõe uma **comunicação** existente e uma **intenção** mínima.

mediação

A → imagem → B
(intenção)



(Imagem num. 31)

Por isso uma imagem é sempre semântica, isto é, tem um significado. Enquanto a realidade não tem que o ter. E nessa imagem podemos ver o seu referente e ler a circunstância do seu emissor e sua intenção. Ambas estão contidas numa imagem.

significado



(Imagem num. 32)

O que não impede que também uma imagem possa tornar-se quase assimbólica – ou neutra – quando a sua presença não provoca já reacção nem é quase vista; o que acontece crescentemente num mundo dominado por imagens que por vezes se substituem à nossa experiência ou ao conhecimento do real.

imagem neutra



(Imagem num. 33)

Hoje, a imagem pode ser tomada como real (sem o ser). Ela ganha um valor social e um valor de recepção não simbólico, não comunicacional (como nas fotos do *facebook*, espécie de provas do real).

imagem assimbólica



(Imagem num. 34)

Ou, ao contrário, o real pode ser tomado como imagem, como, por exemplo, nas viagens turísticas – em que as pessoas vão visitar a natureza ou os monumentos em busca de imagens, numa forma de relação ao real através da imagem e para ela (a

caricatura dos japoneses em que todos nos tornámos desde que temos máquinas fotográficas digitais).

o real como imagem

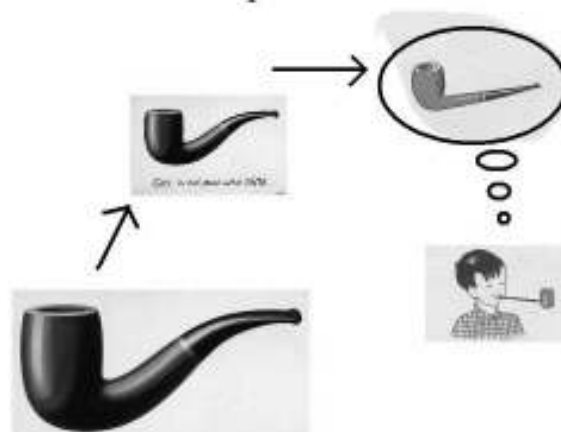


(Imagem num. 35)

9.

Recapitulando: uma obra plástica abstracta não é uma imagem, é uma coisa, uma obra mesmo. A sua reprodução fotográfica, ou digital, essa, sim, é uma imagem da coisa anterior. Mas como vivemos num mundo de reproduções, entre elas e as representações digitais, acabamos por chamar imagem a tudo o que é visível.

recapitulando



(Imagem num. 36)

Por exemplo: um teste de Rorschach, será, no original, uma imagem ou uma coisa? A

coisa, certamente, embora possamos projectar nela as nossas imagens mentais.

projecção



(Imagem num. 37)

E como classificar então uma imagem criada digitalmente? Será a própria coisa ou a sua imagem? Por exemplo, um desenho abstrato feito em computador será uma coisa ou uma imagem da coisa inicialmente feita? Na medida em que é igual em natureza ao desenho original, considero que é uma coisa, não uma imagem. Mas poderá objectar-se: não podemos tocar-lhe, logo será uma imagem. No entanto, tal como outras obras digitais, é realmente uma coisa digital, que nunca existiu senão em ecrã. Chamemos-lhe então coisa virtual; apesar da designação imagem virtual ser provavelmente mais consensual, já que tudo o que nos surge enquadrado num rectângulo, seja uma moldura ou um ecrã, temos tendência a considerar como imagem...

isto não é uma imagem



(Imagem num. 38)

Em suma, não creio que uma paisagem seja imagem, apesar de haver quem assim a possa referir, talvez porque vê nela uma imagem que o seu ecrã interior reconhece, uma imagem interior. Mas então já não vê o real exterior. (Começando a entrar nos inesgotáveis paradoxos da relação entre o real e o representacional, declaro já que não pretendo apurar se a realidade é real.)

paisagem



(Imagem num. 39)

10.

Colocando-me então do ponto de vista do intérprete de imagens, distinguirei três diferentes instâncias do real (da imagem):

instâncias



(Imagem num. 40)

- a. o “olhar” daquele que criou uma imagem;
- b. a imagem em si;
- c. o olhar daquele que a vê, lê ou interpreta.

Consoante falamos de a ou b ou c, falamos de coisas muito diferentes e de representações não partilhadas; por isso, quando falamos de imagens, é importante sabermos de “quem” falamos. Para que **olhar** não se confunda com imagem nem com **imaginação**.

Mas não há só imagens fabricadas (conscientes), há sobretudo *imagens involuntárias*, cuja ação interior escapa ao nosso controlo.

fantasmas



(Imagem num. 41)

Nem todas são fantasmas particulares, grande parte são estereótipos e clichés que moldam o nosso olhar e a percepção do mundo – através do cinema, da televisão, dos audiovisuais - e sobretudo da publicidade – e que têm hoje um papel modelador de crenças, conceitos e sonhos representados sucintamente através de imagens, que inevitavelmente, absorvemos e nos habitam.

clichés



(Imagem num. 42)

Voltando à pergunta inicial e a Platão: será a imagem uma ilusão ou uma verdade? Sinto-me tentada a dizer que, através das imagens, a representação transforma o real, a máscara torna-se face, pois temos grande facilidade em usar as imagens e acomodá-las, vesti-las e ajeitá-las para nossa interpretação da realidade.

ilusão ou verdade?



(Imagem num. 43)

Quando uma imagem se torna amplamente partilhada, teremos tendência a considerá-la mais real, no sentido em que condiciona, conduz, traduz o pensamento de um colectivo social; é assim que as representações sociais moldam, por sua vez, a verdadeira realidade.

representação $\leftarrow \rightarrow$ realidade



(Imagem num. 44)